

Organização do tempo e do espaço na Educação Infantil

(Organization of time and space in infant education)

Mariane Aparecida Dos Santos Domingos¹; Alessandra Corrêa Farago²

¹ (G) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
marianepeda2013@hotmail.com

² (O) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
farago@unifafibe.br

Abstract. *The organization of time and space are great allies in the development of children in Infant Education. It is with this concern that this research aims to understand the importance of space organization in order to promote a comprehensive development of children, in addition to propose a discussion of the routine organization, highlighting the importance of thinking about the time in Infant Education. This study is configured as a qualitative research and regarding the nature of the data, it is characterized as a bibliographical and exploratory research, having as a theory grounding the current literature on the organization of time and space in infant education, ensuring a planned routine as a dynamic instrument of learning and facilitator of children's perceptions of the temporal and spatial aspects. Based on this theoretical outline, it was found that the time organization guides both a child's actions as well as the teacher, once that a good routine enables a pedagogical organizational structure, which allows the educator to promote differentiated and systematic educational activities, according to the experiences that someone wants to put into practice. Finally, as the organization of space, it was found that the "corners", based on the Spanish model of Reggio Emilia, enable the casualness of the adult figure in the daily practice, making possible the construction of the identity and the autonomy of a child.*

Keywords. *Time organization. Space organization. Infant education. Identity. Autonomy.*

Resumo. *A organização do tempo e do espaço são grandes aliadas no desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil. É com essa preocupação que essa pesquisa tem como objetivo compreender a importância da organização do espaço, a fim de promover o desenvolvimento integral das crianças, além de propor uma discussão a respeito da organização da rotina, ressaltando a relevância de se pensar o tempo na Educação Infantil. Este estudo se configura como uma pesquisa de natureza qualitativa e, no que se refere à natureza dos dados, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e exploratória, tendo como fundamentação teórica a literatura atual sobre a organização do tempo e do espaço na Educação Infantil,*

discutindo uma rotina planejada enquanto instrumento de dinamização da aprendizagem e facilitador das percepções infantis sobre os aspectos temporais e espaciais. Fundamentado neste arcabouço teórico, verificou-se que a organização do tempo orienta tanto as ações da criança como as do professor, uma vez que uma boa rotina viabiliza uma estrutura organizacional pedagógica que permita ao educador promover atividades educativas diferenciadas e sistemáticas, de acordo com as experiências que se quer colocar em prática. Por fim, quanto à organização dos espaços, constatou-se que os “cantinhos”, baseados no modelo Espanhol de Reggio Emilia, viabilizam a figura do adulto na prática cotidiana, possibilitando a construção da identidade e da autonomia da criança.

Palavras-chave. Organização do tempo. Organização do espaço. Educação Infantil. Identidade. Autonomia.

Introdução

A organização do tempo e do espaço é importante para o desenvolvimento integral da criança e é pensando nisso que temos o tempo de rotina escolar trabalhada em equipe, para que possamos transmitir comodidade a nossas crianças como também os espaços que favorecem o crescimento, a identidade e a autonomia das crianças.

A relevância dessa pesquisa se dá à medida que procuramos abordar o processo de organização do tempo e do espaço para a realização de atividades diversas o que é fundamental para o desenvolvimento das crianças.

Cabe ao educador guiar e orientar as crianças de forma a buscar equilíbrio entre o que é e o que não é novo para elas; ocasiões pelas quais possam explorar e descobrir um ambiente familiar que traga momentos em que a criança tenha o devido retorno e estimular ações através de brincadeiras.

Foram feitas pesquisas bibliográficas, das obras; Bramowicz, e Watskop, 1999; Bassedas, Huguet e Solé 1999; Oliveira, 1992; Oliveira, Carvalho e Rubiano 2001; Paniagua e Palancios, 2007 e Zabalza 1998. Através das quais foram levantadas obras relacionadas aos temas, abordando de modo geral como são desenvolvidas as funções da organização do tempo e espaço que o ambiente pode oferecer.

Nossa escolha pelo tema se deu em função da observação de que as escolas nos dias atuais são construídas visando mais os professores do que os alunos e, por isso, pretendemos abordar na presente pesquisa a organização do tempo e do espaço na educação Infantil.

O papel do educador é de extrema importância, sobretudo ao guiar e ajudar a criança a explorar o espaço e o tempo que a escola tem a oferecer.

A grande contribuição dos estudos que consideram o contexto de organização do tempo e da organização do espaço é permitir reconhecer que as necessidades, os problemas enfrentados nas escolas são a falta de espaços em geral, que permitiriam o desenvolvimento pleno da criança, e a partir dos quais os professores precisam adaptar o ambiente escolar. Sendo assim, este estudo se preocupou em buscar informações a respeito do desenvolvimento cognitivo, identidade e autonomia da criança.

O estudo tem como objetivo: Compreender a importância da organização do espaço a fim de promover o desenvolvimento integral das crianças e discutir a respeito da organização da rotina, ressaltando a relevância de se pensar o tempo na Educação Infantil.

Vale dizer, o presente estudo é uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, sendo caracterizado, segundo a natureza dos dados, como uma pesquisa bibliográfica.

Dessa forma, o presente estudo foi estruturado em duas seções, a saber: a primeira aponta para a organização do tempo na Educação Infantil, a partir da qual falaremos sobre a importância da organização da rotina a fim de promover o desenvolvimento integral das crianças, além de discutirmos sobre o que os autores pensam sobre a rotina escolar. Já a segunda seção aborda a organização do espaço na Educação Infantil, tendo como ponto de partida a organização da rotina e ressaltando a partir de então a relevância de se pensar o tempo na Educação Infantil, quando o espaço venha possibilitar a construção de autonomia e identidade das crianças.

1. Organização do Tempo na Educação Infantil

De acordo com Bassedas, Huguet e Solé (1999), a organização do tempo na Educação Infantil é de suma importância no desenvolvimento da criança, pois interfere no seu cotidiano: Além de ajudar a criança em seu convívio social, ela cresce, aprende e se envolve com pessoas diferentes, de culturas diferentes. Entretanto, não podemos nos esquecer do Mediador (professor) e de seu papel primordial no desenvolvimento da criança.

Nesse caso cabe à instituição organizar o tempo e o caminho de uma diária como também fazer com que as crianças percebam facilmente as mudanças no seu cotidiano, como por exemplo o caminho feito até o refeitório ou até a sala de vídeo.

Contudo, ressalta Bassedas, Huguet e Solé (1999, p. 100) que:

As atividades sucedem-se normalmente na mesma ordem e isso faz com que as crianças sintam-se seguras e confiantes. É necessário oferecer aos meninos e às meninas ponto de referencia estáveis, aprenderão a antecipar e

a prever o que depois e cada vez se sentirão mais tranquilos na escola. A educadora, com as suas explicações e verbalização aproveita esses momentos para ensinar as crianças. Também há outros recursos que se utilizam para ajudar-lhe a antecipar e a orientar-se no tempo: a canção para ir ao pátio, as fotografias dos diferentes momentos do dia, um fantoche que lhe avisa que esta na hora da refeição, etc.

Assim, o professor deve estar preparado, de imediato, para situações tal qual uma brincadeira que seria realizada no parque, mas que, por motivos de frio, tenha sido transferida para a sala. Nesse sentido, ressaltamos que o educando precisa planejar atividades como: agrupamentos, local e atividades realizadas ao ar livre, que exigem maior esforço da criança e que visam seu pleno desenvolvimento, mesmo em situações simples.

Durante o dia, devemos desenvolver atividades que permitam o desenvolvimento básico como um passeio no jardim ou no parque, cantos de leitura, sala de vídeo, atividades na quadra acompanhadas do profissional da educação e atividades relaxantes.

Entretanto, vale ressaltar a importância de que a criança, ao chegar ao portão da escola, tenha sempre alguém de confiança que a receba, caso nesta hora os pais queiram dar algum recado aos professores ou ao diretor ou até mesmo nos certificarmos de que nenhuma criança poderá sair à rua. É nesse momento que a criança criará um vínculo com a escola; quando entra na sala de aula a criança precisa ter a segurança de que o local é importante e que igualmente importante é que o professor desenvolva várias atividades, para que assim ela possa se distrair e aos poucos se soltar, até se adaptar.

É de suma importância que o professor separe a salas em cantos, com variedades de brinquedos e objetos mais adequados às crianças, buscando sempre o melhor para elas. Caso o professor precise dar algum recado, não será necessário que os pais venham sempre à escola, já que para isso temos as agendas, bilhetes ou, se for grave o caso, como uma febre ou outras doenças, ligamos para os pais ou para o responsável da criança.

Para a realização das atividades no pátio, é preciso atenção redobrada, principalmente com crianças menores. O professor, ao perceber que as crianças estão muito tempo em ambiente fechado, pode organizar grupos de crianças e espalhar brinquedos no pátio, e assim proporcionar tranquilidade a elas. No entanto, as crianças maiores não podem estar junto às pequenas, pelo simples fato daquelas já terem um conhecimento avançado, sob pena de atrapalharem no desenvolvimento das outras.

Por volta do meio dia, os professores vêm preparar as crianças para o banho e, em seguida, levá-las ao refeitório para almoçar. Depois, são levadas para o dormitório, para a

hora do cochilo da tarde. Enquanto isso, o professor prepara a atividade seguinte que pode ser um jogo, uma leitura ou deixar as crianças manusear objetos.

De acordo com Paniagua e Palacios (2007), as crianças pequenas não conseguem ficar muito tempo paradas e, por esse motivo, o professor deve estar sempre com uma atividade preparada para aplicar. Quando a criança tiver terminado sua atividade, é importante que o mediador (professor) deixe que ela espere por um tempo, pois assim desenvolverá algumas capacidades em relação ao tempo de espera; só não podemos permitir que esse tempo se prolongue muito.

Segundo Paniagua e Palacios (2007, p. 165):

As atividades devem fluir de maneira natural, com margens flexíveis entre uma proposta e outra: quem acabou de pintar já vai limpando os seus lápis, enquanto outros continue ocupados em pintura, não é preciso que todos terminem de comer para levantar-se da mesa, etc.

Zabalza (1998), por sua vez, pondera que todas as escolas de educação infantil necessitam de uma rotina tanto de manhã como à tarde ou em ambos os horários. Essa rotina é uma sequência de atividades que tem o objetivo proporcionar oportunidades de tempo, lugares diferentes para a realização das tarefas, regras como também trabalhar em grupo ou individual e a ter o controle do tempo.

É de fundamental importância que um adulto esteja presente no momento de acolhimento da criança, enquanto o educador inicie as atividades. Neste momento, o professor pode aproveitar e falar com os pais ou com os responsáveis pela criança. Outro fator existente é o planejamento, através do qual podemos organizar nossas atividades, adequadamente pensadas sempre nas crianças. O professor pode ter o auxílio de um estagiário ou um auxiliar educativo no desenvolvimento das atividades e é importante que dê voz à criança nas atividades, despertando seu interesse. Algumas das estratégias que podemos usar são: Deixar a criança ser o ajudante da sala; Ler alguma história que lhe marcou; Mostrar o lugar que gostaria de ter sua aula; Fazer desenhos e pinturas; Fazer rodas de leitura e questionamento do que aconteceu.

São algumas dessas estratégias que podem ser trabalhadas em sala de aula, da mesma forma que o professor pode observar o desenvolvimento de cada aluno, avaliando cada um a partir destas estratégias. Zabalza (1998, p. 189) diz que:

Ao longo do planejamento, os adultos apoiam e encaminham as crianças para a realização de seus planos, usando para isso diversas estratégias de interação, como conversar individualmente, ouvir com atenção a cada um, fazer perguntas abertas, interpretar gestos e ações, repetir algumas frases das crianças, oferecer alternativas, fazer perguntas do tipo: “ Você acha que seu

plano vai durar todo o tempo de trabalho?” ou “ o que você vai fazer em primeiro lugar?”

Neste caso, o professor ajuda a criança a pôr em prática suas ideias, focando toda sua atenção voltada à criança, assim ela se sentirá segura no que faz. Toda instituição escolar trabalha em torno do tempo e é na instituição que as crianças têm oportunidade de interagir com outras crianças, andar em grupos grandes ou pequenos, e até mesmo sozinhas, sem a intervenção do professor. No entanto, a criança está sempre planejando seus passos, daí a necessidade do professor nortear a criança, colocar em prática suas ideias, esclarecendo suas dúvidas fazendo assim com que ela passe a ganhar experiências, tomar decisões e trabalhar em equipe, respeitando seu próximo e solucionando problemas.

Portanto, o papel do professor é sempre incentivar seus alunos a despertar seu interesse, enriquecendo seus planos. Nesse ponto, entra o tempo de organizar, guardar os objetos ou materiais utilizados e o professor usar novamente as estratégias para o desenvolvimento das crianças.

Zabalza (1998, p. 190) assevera que:

Esse momento da rotina é uma oportunidade excelente para que a criança realize experiências-chave de classificação ao colocar os materiais juntos pelas semelhanças (todos os blocos de madeira, todos os blocos de papelão); de seriações ao colocar primeiro os blocos grandes e depois os pequenos; de desenvolvimento social e de cooperação (ao colaborar na limpeza das mesas que foram usadas para a pintura); de autonomia (ao recolher independentemente os trabalhos que acabam de realizar, responsabilizando-se pela manutenção de um ambiente organizador e agradável onde todos se sintam bem).

O professor deve aproveitar esse momento que a criança vem ganhando responsabilidade para ensiná-la a guardar os materiais utilizados, participando e ajudando seus colegas nesse procedimento. Daí a necessidade de um tempo de revisão, isto é, de o professor reunir as crianças em grupos ou em rodas para discutir as atividades anteriores, dando oportunidade para contar algo que tenha chamado sua atenção (um cachorro diferente, um passeio com os pais) já que isso ajudaria a criança a solucionar problemas e a interagir com o próximo.

No entanto, sempre há crianças que não conseguem acompanhar as atividades. É nesse momento, sobretudo, que o professor precisa estar perto, ajudando-a interagir com outras crianças: o tempo de revisar é ter planejamento e organização para preparar estratégias como essas. Vale lembrar que as instituições são trabalhadas em torno do tempo e, por isso, temos horário determinado para todas as atividades: horário do lanche, em que reunimos as crianças

no refeitório, momento primordial, pois é através desses pequenos intervalos que as crianças terão a oportunidade de ajudar com as tarefas (distribuir copos, frutas e até mesmo os pratos), ou seja, pode-se dizer que é por meio dessas experiências que as crianças adquirem responsabilidades e aprendem a trabalhar em conjunto.

Um dos lugares em que a criança pode melhor se destacar no seu desenvolvimento é aquela em que o recreio se dá ao ar livre, pois lá podem desenvolver atividades que envolvam toda sua estrutura motora e manter o contato com a natureza, por meio de brinquedos como: escorregador, balanço, casa de bonecas, roda, assim como por meio de pequenos objetos como baldes de areia, pá, bola, bambolê, dentre outros.

Por essa perspectiva, é importante o professor trabalhar em quantidades pequenas ou grandes de grupos de crianças. Os professores podem aproveitar e planejar atividades como datas comemorativas (dia das mães, dia da árvore, dia dos pais, dia do livro), mas é de suma importância que verifique, antes de tudo, se estão disponíveis materiais para todas as crianças.

Ao falarmos em trabalhar com grupos de crianças pequenas, vale citar mais uma vez Zabalza (1998, p. 193) quando ele afirma que:

O trabalho em pequenos grupos é importante: para que o adulto possa observar as crianças; para que a criança descubra novas oportunidades e opiniões; para situar no grupo as crianças que tende a trabalhar sempre sozinhas; para criar e diversificar o interesse das crianças que trabalham sempre na mesma área; para que o adulto conheça melhor as crianças e que tipo de apoio cada uma precisa permitindo uma atenção individualizada.

A partir desses levantamentos, cabe ao professor elaborar questões simples, observando a criança individualmente, mas, principalmente, em grupos grandes ou pequenos. Com estas questões, pode o educador aproveitar seu tempo e se reunir com as crianças em roda, seja em um pátio, parque, biblioteca, jardim e até mesmo na sala de aula, já que são esses tipos de atividades que ajudam a criança a ter oportunidade de se desenvolver socialmente e emocionalmente e aprender a conviver com seu colega de forma agradável, ainda que para que estas atividades possam acontecer o professor precise ter um maior planejamento. Por outro lado, muitas dessas atividades geralmente são projetos que a escola já possui.

Entretanto, ressaltamos que essas atividades normalmente fazem parte da rotina diária e que devem ser planejadas diariamente por um adulto. À medida em que as crianças brincam e se relacionam com outras, vão passando por experiências-chave no seu desenvolvimento através de jogos, brincadeiras e atividades que envolvam materiais, permitindo que a criança tenha um amplo conhecimento.

Para Oliveira (1992), muitas creches, quando trabalham seguindo sempre a mesma rotina, tal qual um hospital, até conseguem obter algum resultado organizacional, mas o que realmente terão são coordenações motoras; o ideal seria que a creche, a partir do momento da chegada dos alunos, já iniciasse uma atividade, buscando sempre aprimorar o desenvolvimento da criança.

Oliveira (1992) toda creche, deve haver um relógio biológico, ou seja, cada atividade deve ter um tempo determinado, o que pode ser um inimigo do educando, obrigando-o a seguir rotineiramente o cronograma da instituição.

Segundo Oliveira (1992) o relógio biológico pode trazer vários problemas, entre eles a falta de funcionários ou o fato de o professor não ter o tempo necessário para preparar aulas, voltadas à natureza; além disso, temos outros tipos de relógios, dentre eles o psicológico e o histórico.

As creches devem trabalhar em conjunto o tempo e o espaço, sempre priorizando o desenvolvimento da criança, e é por isso que o projeto pedagógico deve ser bem elaborado e o professor estar pronto e apto às ideias voltadas a seu desenvolvimento.

A rotina diária é uma ferramenta importante para a criança, quando esta se desenvolve e se sente segura nas atividades desenvolvidas durante o dia-a-dia. Com a rotina, tudo se torna fácil e a criança começa a perceber que as atividades tem uma sequência de horários, desde que tudo seja sempre novidade ao seu redor.

É importante destacar que o cuidado com o planejamento do tempo para crianças de zero a três anos requer mais afincos, pois é nessa idade que começam a se movimentar e a ter um pequeno controle de seu corpo. Desta forma, o professor deve aplicar atividades que sejam rápidas, sem exigir muito esforço delas, já que nesta faixa etária não conseguem ficar muito tempo envolvidas em uma única atividade. Por sua vez, crianças de quatro a seis anos precisam de atividades que desafiem sua capacidade de domínio corporal.

Segundo Abramowicz e Wajskop (1999, p. 28) “a necessidade de compreender e utilizar-se das regras pede a organização de jogos e brincadeiras. O faz-de-conta ajuda a criança experimentar e a entender os papéis sociais” desta forma, as atividades para crianças de quatro a seis anos devem ser mais complexas, em que o professor pode trabalhar em grupos e dividir as crianças por idade.

2. Organização do espaço na Educação Infantil

É importante ressaltarmos que o ambiente escolar é de suma importância na vida da criança, por isso as salas devem ser bem planejadas. O professor precisa organizar seu espaço pensando no desenvolvimento da criança. Em outras palavras, as salas devem ser dinâmicas a ponto de despertar seu interesse. No passado, as carteiras eram enfileiradas, barrando sua interação com os colegas. Em contraposição, hoje o professor tem a possibilidade de mudança, criando posições diferentes das carteiras e ajudando a criança a ter uma interação em conjunto com todos.

Hoje, as instituições são construídas com um pensamento mais voltado aos professores e gestores do que às crianças. Provavelmente é o que acontece muito nas escolas que seguem à risca as rotinas sem olhar o lado da criança, ou, segundo Oliveira et.al. (2001, p. 110)

afirmam que todos os ambientes construídos para as crianças deveriam atender as cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidade para crescimento, sensações de segurança e confiança, bem para oportunidade para contatos social e privacidade.

O ambiente escolar precisa passar confiança, ajudando a criança na construção de sua identidade e autonomia, atendendo suas necessidades:

Dessa maneira a identidade pessoal esta intrinsecamente ligada à noção de identidade de lugar, que consiste de cognições cumulativas – pensamentos, memórias, crenças, valores, ideias, preferencias e significados – sobre o mundo no qual a pessoa vive. (OLIVEIRA et. al., 2001, p. 110).

A organização do espaço deve acontecer de maneira que a criança possa ter o controle de viver num ambiente que promova seu desenvolvimento, satisfazendo suas necessidades. É preciso que as instituições tenham uma divisão ampla do lugar, pois as crianças não deveriam passar por lugares onde há lavanderias ou salas ocupadas, já que isso pode desviar sua atenção; é preciso que alguns objetos estejam no alcance das crianças como: prateleira, livros, bebedouros, brinquedos ou lugares arriscados que facilmente elas possam alcançar . Seria desenvolver nas crianças a oportunidades de movimento, sentimentos, sensações e, principalmente, a estimulação dos sentidos.

O desenvolvimento dos movimentos é essencial na vida da criança: ela precisa brincar, dançar, correr e ser feliz mas, para isso, é preciso que haja segurança. O lugar deve favorecer o desenvolvimento de suas habilidade motoras, estimulando os sentidos e ajudando a criança

a explorar mais tanto o ambiente externo como interno da instituição escolar. O educador pode levá-las a lugares como o jardim, o pátio, o parquinho e até mesmo a sala. Tanto a organização do tempo quanto a organização do espaço devem caminhar junto, passando confiança e segurança para as crianças, fazendo com que assim elas desenvolvam suas habilidades naturalmente.

O professor deve desenvolver atividades que estimulem a evolução da criança, transmitindo um conforto para a mesma. Além disso, o lugar deve ser bem alegre, com desenhos espalhados, painéis, cores diversificadas, flores nos jardins perfumando o ambiente, músicas e tudo aquilo que sirva como recurso a favor do seu desenvolvimento.

Em função disso, o professor precisa passar confiança e promover a segurança das crianças, pois é essencial para seu desenvolvimento cognitivo, motor e, principalmente, emocional, pois qualquer falha poderá ser cruel na vida da criança e, enquanto professores, devemos prever esse tipo de acontecimento.

Dessa forma, sensações táteis também são importantes para transmitir segurança, à medida que características físicas do ambiente convidam ao toque, aumentam a sensação de segurança, permitindo à criança explorar o espaço mais prontamente. (OLIVEIRA et. al., 2001, p.112)

O ambiente deve oferecer um planejamento adequado para o contato social das crianças, assim como trabalhar com atividades grupais pode ajudar em muito na convivência social dos alunos e ensiná-los a respeitar a cultura de cada um.

Daí a necessidade de organizar o espaço das salas para facilitar o desenvolvimento potencial das crianças, onde as carteiras podem ficar juntas ou em círculos. Pela disposição do espaço, o pedagogo deve sempre estar perto da criança, sanando suas necessidades.

Oliveira et. al. (2001, p. 115) “propõe que o desenvolvimento humano ocorre na e através da interação social, sendo que nesta interação a criança constrói seu conhecimento e a si mesma enquanto sujeito”

Dentre essas acepções, podemos ressaltar que as atividades lúdicas proporcionam às crianças o prazer da brincadeira, preparando-as para o desenvolvimento potencial, fazendo com que através dessas atividades a criança consiga melhor compreender a realidade de sua vida.

A organização dos espaços internos das instituições nos denominados “cantos” é hoje uma realidade em muitas escolas de educação infantil em diferentes partes do mundo, como exemplo temos a cidade de Reggio Emilia, na Espanha que desenvolve uma proposta

pedagógica que visa à descontração da figura do adulto na prática cotidiana, o que possibilita mais autonomia por parte das crianças. Esses modelos tem sido uma referência mundial para a organização do espaço na educação infantil.

Há várias formas do educador organizar a sala de aula: Arranjo espacial aberto, que são espaços centrais vazios. Nestes, as crianças solicitam constantemente a presença do educador e, este, acaba não tendo grandes oportunidades de atender a todas, mesmo que rapidamente. E o arranjo espacial semi-aberto que se constituem nos cantinhos ou zonas circunscritas, que tem como característica principal, é o seu fechamento em pelo menos 3 lados. Porém, é necessários que nestes espaços, utilizemos móveis baixos, para que a criança possa ver facilmente a educadora, pois, crianças pequenas de até 3 anos, necessitam da proximidade física e visual de quem a cuida para sentir-se segura.

As crianças gostam de áreas fechadas, isto é, que se fecham em pelo menos 3 lados, pois a zona circunscrita, oferecem proteção e privacidade, auxiliando a criança, prestar atenção na atividade e no comportamento de seus parceiros, aumentando assim, a chance de brincarem juntos e desenvolverem a mesma atividade por mais tempo.

Percebe-se que quanto mais áreas circunscritas tiver em um ambiente, menos a criança solicita a atenção do adulto, a fim de cada vez mais motivar as crianças, é recomendável que, de tempos em tempos, a estruturação da sala mude.

Os espaços mais bem organizados foram os de organizações semi-abertas, caracterizados por zonas circunscritas. Segundo Oliveira et. al.,(2001) Os pesquisadores constataram que, quanto mais aberta e indefinida a estruturação do espaço, maior a concentração de crianças em torno do educador. Os diferentes cantos das salas de aula são separados por estantes, prateleiras, móveis possibilitando à criança visualizar a figura do adulto, mas não precisar dele para realizar diferentes atividades.

Nesse modo de organizar o espaço, existe a possibilidade de as crianças se descentrarem da figura do adulto, de sentirem segurança e confiança ao explorarem o ambiente, de terem oportunidades para contato social e momentos de privacidade.

Diante dessa possibilidade de organizar as salas de aula, faz necessário ressaltar que peças simples podem servir para estruturar cantinhos com cenários e enredos mais definidos (por exemplo, grandes caixas - crianças brincam de faz-de-conta – escondem-se na floresta, ou andam de trem etc.).

As áreas de atividades permitem que cada criança interaja com um pequeno número de companheiros, o que é uma situação confortável, especialmente para os menores de três anos

que parecem “se perder” diante do grande número de propostas de ação que costumam surgir no grupo de crianças de sua turma.

O pequeno grupo possibilita melhor coordenação das ações das crianças, o que leva a criação de um enredo único de brincadeira, aumentando a troca e aperfeiçoando a linguagem.

A nova organização do espaço passou a propiciar a escolha de atividades e parceiros pelas crianças, sem mediação direta do adulto, bem como a ocorrência de atividades por este dirigidas com um pequeno subgrupo de crianças, estando as demais envolvidas em outras atividades. Além de redefinir o papel dos adultos, a nova proposta educacional colaborou no replanejamento das atividades de rotina a serem desenvolvidas pelas crianças, reduzindo tanta a extrema rigidez frequentemente observada, como o longo tempo de espera pelas crianças para serem atendidas, geralmente sem terem nada para fazer. (OLIVEIRA et. al., 2001, p.117).

Segundo Oliveira et. al. (2001), pesquisas têm demonstrado que áreas semi-abertas, criadas por divisórias de pouca altura, permitem as crianças se certificarem, pelo olhar, que o educador está por perto e possibilitam que um número reduzido de parceiros se reúna em torno de uma zona estruturadora de atividades. Tais zonas podem ser um escorregador, uma casinha de bonecas, um canto para guardar carrinhos maiores como em garagem, cabides com várias roupas, bolsas, chapéus, guarda-chuvas dependurados.

Dessa forma, não há necessidade de o educador atrair a atenção de todas as crianças, ao mesmo tempo, para si. Com isso as crianças esperam menos para serem atendidas, ou melhor, aproveitam este tempo em outras atividades interessantes.

Nas salas onde as crianças fazem as atividades poderemos colocar espelhos com prateleiras, com diversos objetos como: boné, fantasias, chapéus, pinturas. Nos trocadores, colocar bichinhos nas paredes, móveis baixos, permitindo que as crianças brinquem com eles, mas variando para que não fiquem sempre os mesmos.

O cantinho dos berços pode oferecer momentos de privacidade, com almofadas, fazendo-se um ambiente aconchegante para se contar histórias e cantar músicas. Não é necessário que todas as crianças estejam presentes, pois nem todos dormem ao mesmo tempo. Podem-se fazer escadas com degraus baixos, e colocar ao redor dos berços colchões para que as crianças não se machuquem se caírem. Tocas e cortinas fazem um papel importante na delimitação do espaço. Assim, quanto mais colocarmos objetos estimulantes no ambiente, mais possibilitará a intencionalidade educativa.

No entanto, o arranjo espacial é muito importante no desenvolvimento da criança, já que ajuda a interagir com os outros e com seu mediador. Através disso, o ambiente influencia no

aprendizado da criança, assim como no desenvolvimento de atividades sem intervenção do adulto.

Bassedas, Huguet e Solé (1998) afirmam que nem todas as escolas possuem um espaço amplo, por esse motivo é que é preciso ter um planejamento que vise à adaptação de todas as crianças, principalmente as menores. É preciso um ambiente grande e, principalmente, limpo.

A partir dessa reflexão, os autores observam que “é preciso decorar e organizar o espaço de maneira que fique acolhedor, seguro, amplo e funcional para o deslocamento”.

Quando nos referimos à equipe profissional da Instituição Escolar, falamos das pessoas que trabalham espalhadas pela escola e para isso precisamos que todos os lugares sejam apropriados como: a cozinha, a lavanderia, a recepção, salas dos professores e diretores os banheiros etc.

A decoração do espaço também é muito importante, já que decorar é dar vida e é possível utilizar recursos que ajudem a melhorar o ambiente através de recursos como reutilizar materiais recicláveis, ter o olhar voltado para o olhar da criança, vez ou outra é preciso que o educador se abaixe e olhe como se a criança estivesse a olhando e é importante também deixar as coisas ao alcance da criança como: quadros, livros, brinquedos, móveis que possam dividir o lugar, tecidos pregados nas paredes dando uma sensação de teto próximo a elas.

Para Bassedas, Huguet e Sol (1999), é muito importante que a escola disponha de luz natural nos ambientes e de janelas baixas, por meio das quais as crianças possam ver e ampliar suas experiências. A entrada da escola também é um dos pontos importantes, pois é lá que os pais verão as atividades que seus filhos fizeram e suas experiências, e também a decoração da unidade escolar. No pátio o foco é para além do ambiente o principal é como é utilizado esse espaço grande na instituição: as crianças no começo podem ficar um pouco apavoradas mas aos poucos se acostumam com o lugar, pois esse espaço pode promover o desenvolvimento e a socialização da criança, além de outras atividades que podem ser desenvolvidas como atividades psicomotoras e caso no pátio haja areia extensa, podem ser feitos cantos também.

Vale ressaltar que na sala de aula o professor organiza seu espaço conforme a necessidade de cada criança. Deve-se organizar o lugar onde se colocam as mochilas e as carteiras; o professor pode trabalhar com elas em círculos, em grupos de dois ou quatro, ou lugares individuais, a depender do professor e do desenvolvimento de cada criança.

Geralmente, o professor planeja desde o começo do ano manter um padrão de organização, o que nem sempre sai conforme o previsto, então provavelmente haverá modificações no espaço da sala. Os banheiros e bebedores devem ser baixos e estar perto das crianças na cozinha e é importante que a criança conheça as pessoas que trabalham preparando suas merendas ou, quando levarem alguma coisa que elas queiram. Nesse momento as crianças podem aprender alguma atividade atrativa e prática, dependendo dos outros lugares da instituição da estrutura da escola. É necessário analisar que para esta organização esteja bem estruturada, deve-se passar por um planejamento educativo tendo como foco a criança.

Vale ressaltar que geralmente encontramos nas salas de aulas carteiras e mesas dispostas pelo modo tradicionalista. Por esse motivo as atividades acabam sendo pobremente trabalhadas em salas. Em função disso, surgiram propostas pedagógicas que vieram para organizar as salas, criando ideias e ajudando a ter um planejamento rico no ambiente, favorecendo as atividades de subdivisão de grupos.

Paniagua e Palacios (2007, p. 161) ressaltam que:

Nos primeiros anos, pelo menos até 3 anos, nunca será demais insistir na necessidade de haver nas salas de aula áreas como pouco tráfego, tranquilas e protegidas, refúgios indispensáveis para alguns meninos e meninas para os quais é muito cansativo estar sempre no grupo agitado e barulhento. São imprescindíveis igualmente as áreas de movimento, com desafios adequados para cada idade (espaço aberto para correr, rampas, escadas, etc.)

No entanto, as crianças de faixa etária de 3 a 6 anos precisam de salas que possuem cantinhos e não salas com carteiras e mesas ocupando todo o espaço da sala assim como era tradicionalmente. É importante que o professor planeje cada cantinho pensando nas crianças, e que sempre procure utilizar os materiais disponibilizados juntamente com elas em grupos.

Segundo Paniagua e Palacios (2007, p. 162):

[...] em uma classe de 1 a 2 anos uma menina usa um copo de brinquedo para dar de beber a um boneco, enquanto outra se dedica a enchê-lo de peças e a entorna-lo; assim, o mesmo objeto é empregado para uma brincadeira de caráter mais simbólico e para uma brincadeira mais sensório-motora, conforme o movimento de desenvolvimento ou interesse de cada um.

Não podemos esquecer que os materiais precisam se adequar conforme a idades de cada criança e, principalmente, ser materiais de boa qualidade, promovendo assim desafios e dificuldades e criando ideias com outros materiais, como reciclados. É importante que o mediador deixe que a criança manuseie os objetos e não deixá-los apenas “de enfeite” ou

“criando poeiras”. Os professores devem ensinar aos pequenos a importância de cuidar dos materiais para que outras crianças possam manuseá-los, e também ensiná-los a guardar os materiais para serem utilizados em outra ocasião, deixando a sala limpa como encontraram.

De acordo com Paniagua e Palacios (2007), o professor deve dar atividades em grupos de pequenos alunos, para que assim não se tornem maçantes e para que as atividades obtenham melhor resultado. É importante ter esse cuidado com as atividades, tanto dentro quanto fora da sala de aula, principalmente no pátio, por ser uma área extensa.

Para os autores Paniagua e Palacios (2007), na Espanha dá-se muito pouca importância ao pátio: ele é entendido fundamentalmente como um lugar de desafio e de atividades motoras. Para nós pedagogos, são atividades prazerosas que ajudam a criança em seu desenvolvimento pleno, mas também temos que ajudar aquelas crianças que, por algum motivo, não interajam com o grupo ou especial cuidado aos brinquedos que não se adequem a ela.

O pátio pode dar lugar a boas estratégias para atividades que desenvolvam habilidades motoras, tendo como objetivo maior a socialização e o respeito para com o outro, do mesmo modo que dentro da sala de aula. É claro que as crianças menores de três anos devem ter na escola um espaço próprio para elas, não podendo se misturar com crianças maiores.

Em virtude do que foi mencionado, os autores Paniagua e Palacios (2007, p. 166) ressaltam que:

A organização do espaço é essencial para enriquecer a atividade e evitar a massificação: áreas com aparelhos de parque (gangorra, balanço, escorrega), áreas com pavimentos lisos para veículos, áreas ajardinadas para a atividade tranquila e a exploração do meio natural, tanques de areias, etc. Para os dias chuvosos ou muitos ensolarados, é importante contar com alternativas; para isso é preciso ter alpendres ou áreas cobertas ao ar livre.

Em virtude do que foi mencionado, é importante fazer boas escolhas dos materiais e a escola deve dispor de opções para a criança escolher, pois é através desses brinquedos que observaremos as habilidades motoras da criança; para que isso aconteça, é preciso que haja uma organização nos horários, evitando tumulto de crianças ao mesmo tempo. É pensando no bem estar da criança, que é preciso que haja maior planejamento e organização do lugar, passando confiança e comodidade e evitando possíveis conflitos; é por isso que existem os famosos cantinhos, já que através deles podemos observar o desenvolvimento da criança.

No entanto, o mediador (professor) não deve interromper as crianças, pois isso pode gerar conflitos e insegurança. Trabalhar os cantos na educação infantil resulta no

desenvolvimento de habilidades e da convivência com o próximo, respeitando suas diversidades culturais.

Para Zabalza (1998), se uma grande parte das escolas possui áreas de lazer, as crianças colocam seus planos em ação: explorar a área que tem, envolver-se com outros colegas ou trabalhar sozinha; ao poder mudar seu plano a qualquer momento, está sempre explorando suas capacidades.

Oliveira (1992), por sua vez, pondera que a organização do espaço precisa prestar plena atenção ao planejamento, porque é através dele que o professor poderá analisar o desenvolvimento da criança:

que a ideia básica defendida aqui é que as atividades tem que ser planejadas para haver uma direção estimuladora que deixe claro para o educador o que se quer propor para a criança, como conseguir e como avaliar o que de fato ocorreu.(OLIVEIRA 1992, p. 75)

Sendo assim, é de suma importância que as creches estejam sempre preparadas para o acolhimento de cada criança. Os pedagogos devem ter um planejamento de atividades a ser seguido, pois as crianças se dispersam facilmente e logo precisam de novas atividades. Estas atividades ajudarão no desenvolvimento da autonomia e da identidade da criança e, claro, em seu desenvolvimento cognitivo.

Os estudos de Oliveira (1992) mostram que os espaços físicos como as salas de aula devem ser organizados de acordo com o alcance das crianças, como prateleiras de livros que possibilitam a ela o manuseio dos livros, bem como casinhas, cantinho da leitura e outros. É importante que não haja um grande número de crianças na mesma sala, já que o certo é separá-las em faixas etárias, segundo Oliveira (1992):

Berçário: 3 a 15 meses – 6 crianças por educador Minigrupos: 15 a 24 meses – 8 crianças por educador Maternal 1: 2 a 3 anos – 10 crianças por educador Maternal 2: 3 a 4 anos – 15 crianças por educador A divisão dos grupos por idade não deve ser rígida. A passagem de um grupo para o outro deve levar em conta mais as características individual das crianças do que sua idade cronológica. (OLIVEIRA, 1992, p.82).

As crianças se apegam com facilidade aos adultos e por esse motivo é importante não afastar o educando tão cedo; é preciso que haja pelo menos dois anos de convívio, principalmente com crianças muito pequenas que requerem cuidado especial. Dentro do espaço, o educador deve promover atividades que ajudem a criança a interagir com outras crianças, despertando curiosidade e percepção de movimentos coordenados, despertando suas criatividades nas brincadeiras e ao mesmo tempo pondo em prática sua linguagem. Os cantos devem ser alegres, com brinquedos diversificados, aproveitando melhor o tempo.

De acordo com Oliveira (1992, p. 84) “a montagem e o sucesso dos cantinhos em dar condições para aumento das brincadeiras infantis depende do educador observar a maneira como as crianças ocupam e utilizam os espaços, modificando-os em função dos interesses das crianças”.

Ao falarmos da parte externa, pensamos em um ambiente fora da escola como um jardim ou a atividade de fazer um piquenique na praça, levar as crianças a quebrar um pouco a rotina fora da creche, ampliando sua socialização com outras pessoas e convidando-as para ir à creche contar um pouco de suas histórias.

No entanto, a creche deve ser um ambiente saudável e agradável aos olhos das crianças, em suma: um lugar em que elas possam ser felizes. Não podemos nos esquecer da higiene do local, pois isso é primordial na saúde das crianças e os pais devem se assegurar que este local é o melhor para seu filho.

Com as atividades trabalhadas na sala de aulas das crianças e com a identificação do seu nome, trabalhar com pastas individuais. Dentre essas atividades, temos a roda de leitura, onde o professor tem a oportunidade de conhecer melhor seu aluno e discutir, planejar e refletir sobre o que está lendo.

Desde que em casa ou na escola haja um espaço externo, esse espaço deve servir para várias atividades, entre elas brincadeiras como pular corda, pique-esconde, amarelinha, jogar bola, dentre outras. No entanto, é importante que haja uma área de lazer com brinquedos de parquinho como: roda, casa da árvore, escorregador e que não haja uma estrutura de ferro, que possa causar acidentes. Esses espaços também servem para o cultivo de hortas e plantas.

Segundo as autoras Abramowicz e Wajskop (1999, p. 33) “esse tipo de atividade visa estabelecer uma divisão de tarefas, em que a crianças podem desenvolver a cooperação e a solidariedade, experimentando uma relação com o trabalho.” O espaço externo como as autoras citam, proporciona um ambiente agradável para as crianças e ampliação de seu contato com a natureza e sociedade.

Considerações finais

Diante do que foi discutido nesse artigo, conclui-se que o tempo de aprender e o tempo de viver e crescer não estão separados; e que, a todo o momento, a criança aprende, graças à ação educativa das pessoas que a envolvem e às experiências pelas quais passam no seu contexto e no espaço escolar. Portanto, a organização do espaço e a organização do

tempo, ambas as partes, ajudam no equilíbrio da criança e na construção de sua identidade e autonomia.

Referências

BRAMOWICZ, J. e WATSKOP, G. *Educação Infantil: creches. As atividades para crianças de zero a seis anos*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

BASSEDAS, E; HUGUET, T; SOLÉ, I. *Aprender e Ensinar na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

OLIVEIRA, Z. M. et al. *Creches: Crianças Faz de Conta & Cia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Z. M. R.; FILHO, G. A. J.; FLEURY, M. G.; CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B.; MACHADO, M. L. A.; ANGOTTI, M.; GONÇALVES, F.C.(Orgs.) *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez 2001.

PANIAGUA, G; PALACIOS J. *Educação infantil; respostas educativas à diversidades*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZABALZA, M, A. *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.